

A RETOMADA E A REINVENÇÃO DOS CONTOS DE FADA PELA MÍDIA

Carolina Chamizo Henrique Babo¹

Resumo:

Este artigo representa o relato de uma pesquisa realizada acerca da retomada e da reinvenção dos contos de fada, por meio de filmes, animações e seriados da atualidade. Ao observarmos a expressiva quantidade de produtos cinematográficos e televisivos ligados à essa temática, acredita-se ser fundamental o estudo de tal fenômeno. A proposta desta investigação centrou-se em identificar o lugar e a importância dos contos de fada para o ser humano e para a cultura, além de verificar os motivos e os modos da transposição dos mesmos em distintas produções da atualidade, em um reflexo da indústria cultural em que passaram a ser reproduzidos. Como quadro de referenciais teóricos, emprego os estudos e teorias de Carl Gustav Jung, Joseph Campbell, Karen Armstrong, Theodor Adorno e Max Horkheimer.

Palavras-chave: Mídia. Produtos midiáticos. Indústria Cultural. Contos de Fada. Narrativas.

Importância e declínio dos contos de fada

“Era Uma Vez”. Três palavras mágicas capazes de nos retirar de nosso mundo “real” e nos transportar diretamente para um reino encantado de imaginação e fantasia, repleto de princesas, príncipes, rainhas, reis e fadas madrinhas. Porém, esse pode ser também um local sombrio, habitado por bruxas, dragões, maldições e feitiços cruéis.

Um lugar em que abóboras transformam-se em carruagens, trapos em vestidos de festas, um sapatinho encantado revela o verdadeiro amor, e feras são, na realidade, belos príncipes. Mas esse é também um espaço em que malvadas madrastas desejam matar suas enteadas, meninas cortam seus próprios pés, pais deceparam as mãos de suas filhas, viajantes jogam boliche com pernas e cabeças humanas, crianças são abandonadas sozinhas em uma floresta e sapos são arremessados contra paredes.

Esse reino encantado ou sombrio, ou melhor ainda seria dizer encantado e sombrio, como somos todos nós, não é constituído apenas por histórias contadas para distrair ou divertir. Esse reino traz uma série de ensinamentos capazes de instruir e transformar os seres humanos. Ao entrarmos em contato com essas narrativas, desde muito cedo, aprendemos determinadas lições que de outra maneira não poderíamos conhecer. E, claro, nos deparamos

¹ Mestre em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero. E-mail: chamizocarol@hotmail.

com um tipo de conhecimento que nos arrebatava, nos prende, já que como poeticamente nos indica Joseph Campbell (2010, p. 31-32):

Nem sequer teremos que correr os riscos da aventura sozinhos; pois os heróis de todos os tempos nos precederam; o labirinto é totalmente conhecido. Temos apenas que seguir o fio da trilha do herói. E ali onde pensávamos encontrar uma abominação, encontraremos uma divindade; onde pensávamos matar alguém, mataremos a nós mesmos; onde pensávamos viajar para o exterior, atingiremos o centro de nossa própria existência; e onde pensávamos estar sozinhos, estaremos com o mundo inteiro.

Assim, essas narrativas míticas representam ensinamentos sobre a “sabedoria de vida” (CAMPBELL, 1990, p. 22). Ao seguir a trilha ao lado de um herói, dormir os cem anos da princesa que recebe uma maldição, adentrar na mais densa floresta ou enfrentar o dragão, participamos de importantes aprendizados, ensinados pelo inconsciente, e já realizados por outros seres humanos ao longo de toda a nossa história. Deparamo-nos com perigos jamais imaginados (mas enfrentados diversas vezes) e entendemos, simbolicamente, como superá-los. Ao compreender os mitos e contos de fada compreendemos mais sobre nós mesmos, sobre nossa jornada, sobre nossa vida.

Entretanto, enquanto as culturas consideradas “antigas” valorizavam as narrativas ancestrais, a sociedade atual parece não ter tempo para esses ensinamentos. Parece não acreditar neles. A própria palavra “mito” costuma assumir o sentido de “ilusão” ou “mentira”, enquanto a expressão “conto de fada”, de modo semelhante, pode ser relacionada a uma situação fantasiosa ou irreal. Uma mulher que espera pelo “príncipe encantado” é considerada uma sonhadora. O mundo que vivemos não tolera “finais felizes”.

Mas é claro que os contos de fada, assim como os mitos, não devem ser interpretados em sentido literal. A beleza deles se encontra, justamente, na carga simbólica que carregam. É no interior de nossa condição humana que eles se revelam de maneira mais poética. É com nosso inconsciente, e não com o consciente, que eles falam.

E esse tipo de conhecimento deveria ser transmitido a todos os seres humanos, de qualquer idade, em qualquer época e lugar, pois os temas dessas histórias, sua bondade e violência, vivem dentro de nós. Associá-los apenas às crianças é um erro comum e grave com o qual o homem convive já, infelizmente, há muitos anos.

Desde o século 18, com o advento do Iluminismo, passamos a defender a ótica da razão e a desacreditar de tudo o que não pudesse ser “explicado” por ela, como é o caso do pensamento mítico. Desenvolvemos uma visão científica dos fatos que nos cercam e as

narrativas que não se enquadram nesse esquema devem ser deixadas de lado, como inferiores. O consciente superou, nesse sentido, os temas do inconsciente, o racional se sobrepôs ao não-racional. E essas histórias simbólicas, que tanto ajudavam (e ajudam) os seres humanos foram descartadas. De acordo com Armstrong (2005, p. 13), no entanto,

é um equívoco considerar o mito um modo inferior do pensamento, que pode ser deixado de lado quando as pessoas atingem a idade da razão. A mitologia não é uma tentativa inicial de fazer história e não alega que seus relatos sejam fatos objetivos. Como um romance, uma ópera ou um ballet, o mito é fictício; um jogo que transfigura nosso mundo fragmentado e trágico e nos ajuda a vislumbrar novas possibilidades.

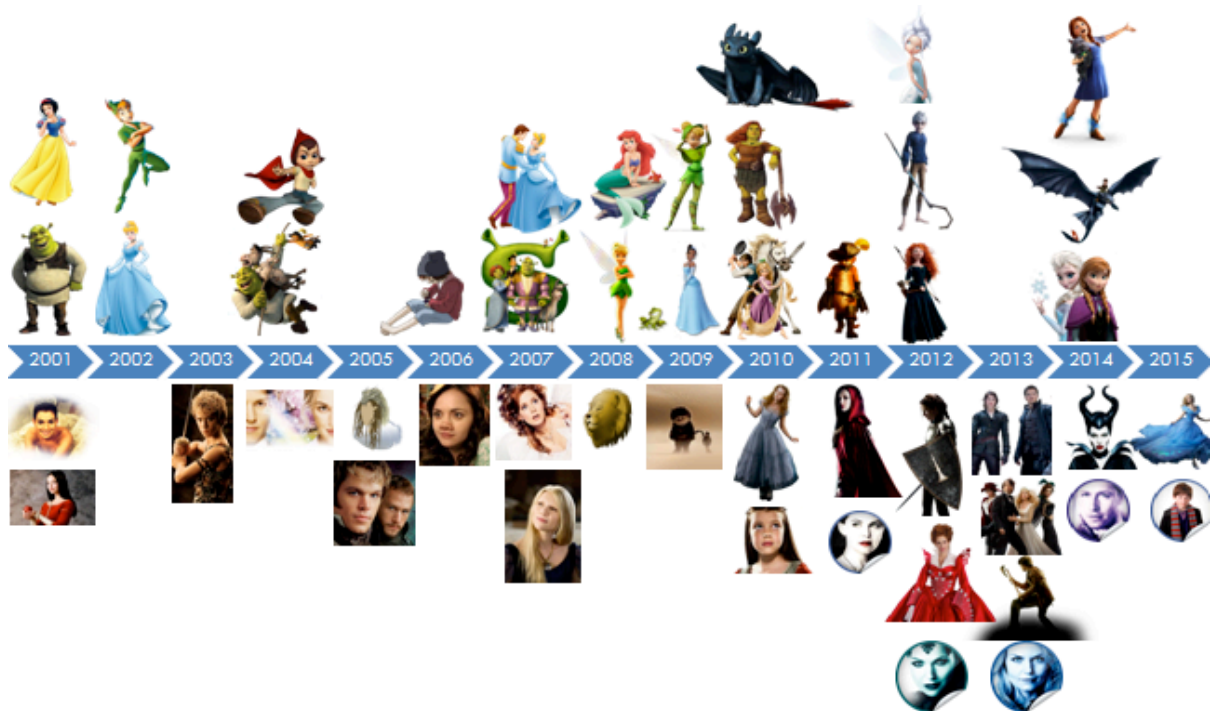
Armstrong destaca ainda que essa negação dos temas míticos, em favor da era do racional, pode ter acarretado uma espécie de embrutecimento da própria humanidade. Para a autora, “o logos tornou nossa vida melhor de várias maneiras, mas não houve um triunfo absoluto (...) talvez, devido à supressão do mito, tenhamos até regredido” (ARMSTRONG, 2005, p. 113).

No entanto, por mais que a sociedade racional em que nos encontramos inseridos tente negar esses temas, se olharmos ao nosso redor, será que os mitos e contos não estão em toda parte? Em um filme, uma animação, uma novela, uma peça teatral, em uma obra de arte? Em nossa própria história, em nossa própria vida? Habitando nossos sonhos e dialogando conosco a todo momento? Como já diria Marie Louise Von Franz (2010, p.24), “há sempre um pouco de conto de fada acontecendo na vida”. Basta sabermos ouvir o seu chamado.

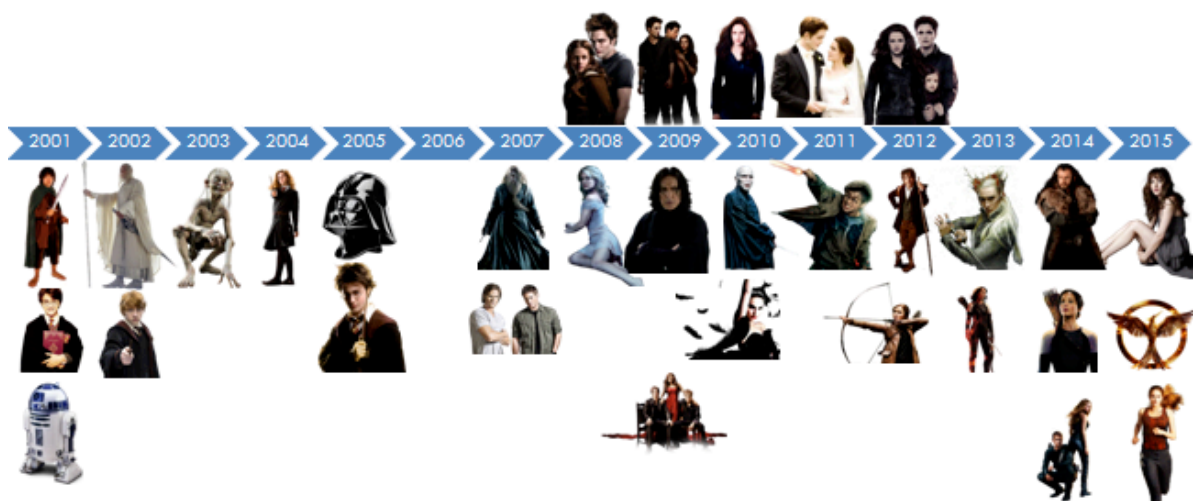
A retomada

Desde o início do século 21, podemos observar um fenômeno bastante interessante se voltarmos nosso olhar à produção cultural, em especial aos filmes, seriados televisivos e animações realizadas nos Estados Unidos, um fenômeno que poderia ser entendido como uma espécie de retorno da magia. Isso porque, a partir de 2001, uma série de produções são lançadas baseadas na temática dos contos de fada, quer a referência a essas histórias seja realizada de maneira direta, quer indireta. A partir de então, isso que estamos chamando aqui de retorno da magia, ou, mais especificamente, esse retorno à temática dos contos de fada, um fenômeno a ser investigado, intensifica-se com outros títulos sendo produzidos ao longo dos anos, como fica evidenciado nas linhas do tempo a seguir.

Linha do tempo 1: Animações, filmes e seriados que fazem referências diretas aos contos de fada



Linha do tempo 2: Filmes e seriados que fazem referências indiretas aos contos de fada



Como exemplos dessa alusão explícita, podemos observar, na linha do tempo 1, os títulos dos filmes *Branca de Neve*; *Peter Pan*; *Uma Garota Encantada*; *Irmãos Grimm*; *Encantada*; *Alice no País das Maravilhas*; *A Garota da Capa Vermelha*; *A Fera*; *Branca de Neve e o Caçador*; *Espelho, Espelho Meu*; *João e Maria: Caçadores de Bruxas*; *Oz, Mágico e Poderoso*; *Jack, O Caçador de Gigantes*; *Malévola* e *Caminhos da Floresta*.

Se recorrermos às animações, a lista é ainda maior e conta com *Tinker Bell*; *Shrek*; *O Gato de Botas*; *Deu a Louca na Cinderela*; *Deu a Louca na Chapeuzinho*; *Enrolados*; *A Princesa e o Sapo*; *Valente* e *Frozen, Uma Aventura Congelante*, além dos clássicos que, embora bem anteriores a essa retomada, aparecem, de tempos em tempos, em sua versão remasterizada. Assim, temos *Branca de Neve e os Sete Anões*; *Cinderela*; *A Bela Adormecida*; *A Bela e a Fera* e *A Pequena Sereia*, sempre presentes nas prateleiras das lojas. Vale ainda acrescentar aqui, nessa lista de produções que trazem os temas dos contos de fada de forma bastante explícita em seu conteúdo, os seriados *Once Upon a Time*, *Once Upon a Time in Wonderland* e *Grimm*.

Há ainda, como podemos observar na linha do tempo 2, outra forma de apropriação desses conteúdos a partir de filmes que utilizam-se deles sem que, no entanto, o público perceba o que está consumindo. É o caso das produções *O Senhor dos Anéis*, *Harry Potter*, *Crepúsculo*, *O Hobbit* e, mais recentemente, *Cinquenta Tons de Cinza*, entre tantos outros.

Dessa maneira, embora o pensamento mítico pareça ter sido desacreditado e sua importância esquecida pela sociedade atual, como vimos na primeira parte deste texto, é como se essa mesma sociedade estivesse necessitando justamente desse tipo de conhecimento, como nunca antes. A impressão que se tem é que, acuados, em um mundo fortemente marcado pelo cientificismo e pela tecnocracia, chegamos ao nosso limite. Essa retomada, tão forte como nunca, de conteúdos maravilhosos, revelar-se-ia, neste sentido, o sintoma de uma deficiência simbólica.

Mergulhados numa crise, sentimos a necessidade da volta aos conteúdos iniciais, arquetípicos, aqueles que, embora não possam ser comprovados sob a ótica da “razão”, possuem a capacidade de nos transmitir, justamente por isso, uma importante e valiosa mensagem. Jung nos fornece uma interessante leitura acerca deste fenômeno, na obra *O Espírito na Arte e na Ciência* (2012), a partir de sua teoria de que possa existir uma espécie de compensação dos temas arquetípicos que determinada época mais necessite. Nesse sentido,

o inconsciente ofereceria ao consciente os símbolos necessários na busca pelo equilíbrio psíquico.

Para o psicanalista suíço, as obras de arte podem surgir, de maneira inconsciente ao artista, como uma forma de equilibrar a inquietação refletida pela sociedade em que o mesmo vive. Assim, determinados temas retornam à sua mente, e ele os reproduz, “acalmando” o desejo de sua época. As tendências artísticas trazem à tona, despertam “aquilo de que a respectiva atmosfera espiritual mais necessitava” (JUNG, 2012, p. 84). Ainda de acordo com Jung (2012, p. 83-84):

Este é o segredo da ação da arte. O processo criativo consiste (até onde nos é dado a segui-lo) numa ativação inconsciente do arquétipo e uma elaboração e formalização na obra acabada. De certo modo a formação da imagem primordial é uma transição para a linguagem do presente artista, dando novamente a cada um a possibilidade de encontrar o acesso às fontes mais profundas da vida que, de outro modo, lhe seria negado. É aí que está o significado social da obra de arte: ela trabalha continuamente na educação do espírito da época, pois traz à tona aquelas formas das quais a época mais necessita. Partindo da insatisfação do presente, a ânsia do artista recua até encontrar no inconsciente aquela imagem primordial adequada para compensar de modo mais efetivo a carência e a unilateralidade do espírito da época.

Dentro dessa visão – que, como Jung defende, considera a “unilateralidade do espírito” de uma época e a necessidade de uma “compensação” –, é possível encontrar uma resposta, apontando nessa direção, para a retomada atual dos contos de fada. Se nossa época precisa deles, os artistas, aqui representados de modo especial pelos agentes da indústria do entretenimento, nos fornecerão esses temas.

Reinvenções

Em nossa época, alguns dos artistas responsáveis por nos apresentar essas antigas histórias são os agentes da indústria cultural (ADORNO, HORKHEIMER, 1985), da indústria do entretenimento. Uma indústria responsável por padronizar a cultura, apresentando sua busca mais imediata pelo lucro e pelo consumo, mas também reproduzindo ideologias e legitimando discursos.

Na tentativa de compensar a nossa carência – na visão junguiana –, os agentes da indústria do entretenimento propõem-se a nos oferecer esses temas simbólicos. Entretanto, as

versões fornecidas por eles são um pouco (ou muito) diferentes daquelas da tradição oral, que, posteriormente, foram compiladas nos livros ou escritas pelos seus autores.

As versões fornecidas pela indústria cultural, às quais podemos chamar de releituras ou, como prefiro, reinvenções, são alteradas e modificadas, fazendo com que a carência original jamais seja atendida. Dessa forma, sua principal “missão”, sob o ponto de vista dos estudos de mitologia, que seria a de refletir ensinamentos sobre o mundo e, principalmente, sobre o próprio ser humano, é substituída, numa certa ótica, pela propagação de determinada ideologia e pela procura evidente de lucro e consumo por parte dos grandes conglomerados de mídia.

Opto, portanto, por usar a palavra reinvenção para me referir a esse tipo de fenômeno, porque ao contrário de uma adaptação, que modificaria apenas um ou outro aspecto dos contos, essas histórias trazem, em seus roteiros, algumas novidades bastante significativas, inventando novamente, re-inventando as narrativas que conhecemos. Embora façam algumas referências bastante explícitas em relação aos contos, essas alterações são notáveis.

Ao nos oferecer esses temas, a partir de uma edição específica, a indústria cultural desconstrói seus conteúdos originais, reelabora suas histórias e reinventa os contos, apropriando-se de personagens e situações, alterando-os e formatando-os, muitas vezes, à imagem e semelhança de seus interesses. Ela abastece, constantemente, nossos anseios e impulsos, com produtos lançados em um espaço de tempo programado para atingir diversas gerações e com personagens que aparentam ser diferentes, mas são absolutamente iguais, respeitando a lógica na qual estão inseridos, aquela que transforma a cultura em mercadoria e o público, em consumidor.

Reinvenções diretas

Como podemos observar na linha do tempo 1 apresentada neste texto, inúmeras são as produções de nosso tempo que retomam, ou melhor, reinventam os contos de fada de maneira direta, seja por meio de filmes, animações ou seriados televisivos. Diretas porque ao vermos seu título, personagens ou sua história, logo entendemos que se trata de uma apropriação de determinada narrativa.

O início dessa reinvenção não é um fato novo, já que acontece desde o primeiro longa de animação da Disney, o clássico *Branca de Neve e os Sete Anões*, de 1937. Se comparada com seu referencial mais imediato, o conto *Branca de Neve*, dos Irmãos Grimm, essa história já apresenta uma série de alterações, propositalmente produzidas.

No conto dos Grimm, é a mãe, não a madrasta da menina, quem a persegue. São três as tentativas de envenená-la e as vezes em que Branca de Neve confia na mulher. Entretanto, a mudança principal acontece na maneira como a jovem desperta. O “beijo do verdadeiro amor” é, na verdade, um tapa que a mesma recebe, após anos dormindo. Por não aguentar mais carregar seu caixão de vidro de um lado para o outro, o empregado do príncipe bate nas costas da jovem, que desengasga e acorda. Após esse incidente, ela se casa com o monarca, convoca um baile real e mata sua mãe, fazendo-a dançar até que seus pés queimem. A Disney, portanto, suaviza a história. O final feliz aconteceria de qualquer maneira, mas a menina deveria passar muitos anos sob a maldição antes de despertar.

O leitor poderia imaginar que essas modificações não sejam, talvez, tão relevantes para as considerarmos como reinvenções. Entretanto, se pensarmos em termos psicológicos e mesmo sociais elas são bastante significativas. Há, nessas histórias reinventadas, uma padronização das mulheres como princesas frágeis e dos homens como príncipes destemidos que necessitam salvá-las. Já nas narrativas consideradas ancestrais, as princesas não precisavam de um agente externo. A salvação vinha de seu interior. De seu mundo inconsciente.

Jung acredita que para o ser humano ser pleno e integrado ele deve realizar o seu “processo de individuação”, isto é, o diálogo entre consciente e inconsciente que possibilita que ambos se completem, se integrem e que encontrem, por fim, o equilíbrio psíquico. Este diálogo pode ser realizado quando prestamos atenção aos nossos sonhos, quando ouvimos seus recados e quando mergulhamos no mundo das narrativas fantásticas que chamamos de mitos e contos de fada.

Por isso é importante que essas histórias ancestrais não tenham todos os seus elementos retocados ou suavizados, como propõem os contos reinventados da indústria cultural. Claro que alguns de seus aspectos serão alterados, pois a cultura, como um mecanismo vivo, já carrega em si esse movimento de constante transformação. No entanto, por mais duras e dramáticas que algumas narrativas possam parecer, sua função é justamente

fazer com que enfrentemos nossos medos, nossas sombras. Que entremos em contato com um lado que desconhecemos de nós mesmos. Um lado que evitamos. Mas que também faz parte de nós.

Nesse cenário, o homem recebe suas narrativas ancestrais pelas mãos da cultura de massa, que fornece a ele diversos produtos alterados e transformados. Este, engana-se e tende a não procurar os conteúdos primitivos no lugar em que esses realmente estão em sua forma mais autêntica: dentro de si mesmo, de seu inconsciente. Adorno e Horkheimer explicitam essa relação, quando insistem que “cada espetáculo da indústria cultural vem mais uma vez aplicar e demonstrar de maneira inequívoca a renúncia permanente que a civilização impõe às pessoas. Oferecer-lhes algo e ao mesmo tempo privá-las disso é a mesma coisa” (ADORNO, T.; HORKHEIMER, M, 1985, p. 132).

Assim, o conto de fada oral, tradicional, “original” que nos coloca em contato com nosso inconsciente, com nossos deuses e nossos demônios, aparece, nos produtos da indústria cultural, com uma nova roupagem, muito mais preocupada com a propagação de determinado sistema de ideias do que com a transmissão dos ensinamentos simbólicos de que falamos até o momento.

Reinvenções indiretas

As reinvenções indiretas (exemplificadas pela linha do tempo 2), que incluem produções como *Harry Potter*, *O Senhor dos Anéis*, *O Hobbit*, *Crepúsculo* e *Cinquenta Tons de Cinza*, não foram colocadas neste estudo apenas como uma menção ao tema da fantasia. Existe nessas obras uma alusão aos mais diversos contos de fada, em relação a suas histórias e aos seus personagens. Ao contrário das reinvenções diretas, estas escondem suas menções às antigas narrativas. Mas elas também estão aqui. Só precisamos olhar com cuidado para encontrá-las.

J.R.R.Tolkien, por exemplo, compara, em seu livro *Árvore e Folha* (2013), os elfos a fadas, relacionando-os, tanto na etimologia de sua palavra, quanto na aparência e talentos que os mesmos apresentam. Além disso, esses são seres que habitam o que, para esse autor, determina o mundo dos contos de fada, o reino encantando, o *Faërie*. De acordo com Tolkien (2013, p. 09-10),

os contos de fada não são histórias sobre fadas ou elfos, mas histórias sobre o Reino Encantado, *Faërie*, o reino ou estado no qual as fadas existem. O Reino Encantado contém muitas coisas além dos elfos e das fadas, e além de anões, bruxas, trolls, gigantes ou dragões; contém os oceanos, o sol, a lua, o firmamento e a terra, e todas as coisas que há nela: árvore e pássaro, água e pedra, vinho e pão, e nós mesmos, seres humanos mortais, quando estamos encantados.

Tanto nas obras *O Senhor dos Anéis* como em *O Hobbit* podemos perceber, portanto, que Tolkien dialoga com o Reino Encantado. Seus personagens e sua magia nos remetem aos contos de fada. Os elfos são apenas um dos exemplos (e talvez o mais evidente) dessa inspiração. Assim, podemos entender que o mundo criado por este autor contém os elementos de um conto, pois acontece nesse “reino ou estado no qual as fadas existem”.

Em *Harry Potter*, temos uma situação bastante semelhante. Há por trás da história do bruxo mais famoso da atualidade algumas referências que nos remetem aos contos de fada. Embora a mais óbvia delas seja, justamente, o fato de Harry descobrir que é um bruxo, é na narrativa central idealizada pela autora que o conto realmente se esconde.

Quando J.K.Rowling narra a história de um menino órfão criado pelos tios que é transportado para um universo encantado de bruxas e encontra, em seus amigos, as forças necessárias para vencer o mal, podemos fazer um paralelo com *O Mágico de Oz*. A heroína dessa história, Dorothy Gale, também é órfã, mora com seus tios e é transportada para um universo mágico de bruxas, encontrando em seus amigos as forças necessárias para vencer o mal. Histórias muito semelhantes, com uma roupagem diferente.

Enquanto Dorothy une-se ao Leão Covarde (que precisa encontrar sua coragem), ao Espantalho (que necessita de um cérebro) e ao Homem de Lata (que busca seu coração), Harry Potter (uma mescla de Dorothy e do Leão) já tem a coragem do animal (não é à toa que sua casa é a Grifinória, cujo símbolo é exatamente um leão) e une-se a Hermione Granger (a menina que sempre usa seu cérebro, sua razão, uma releitura do Espantalho) e a Ronald Wesley (o garoto que traz os elementos de emoção, o coração, do trio, uma reinvenção do Homem de Lata).

Em *Crepúsculo*, as referências são ainda mais densas, já que não apenas um elemento ou um conto de fada foram utilizados. Temos aqui uma colagem de diversas histórias. O tema central refere-se a uma jovem que se apaixona por um vampiro, uma fera, e já nos dá a primeira pista, em uma menção à *Bela e a Fera*.

Disfarçada de uma narrativa povoada por vampiros, aqui parece se esconder um conto de fada que, possivelmente, pode ter sido inspirado por alguns dos mais famosos que conhecemos. Nas entrelinhas de *Crepúsculo* encontram-se ainda traços de *A Bela Adormecida* (Bella dorme humana e renasce vampira), *Branca de Neve* (lembrem-se do veneno), *Chapeuzinho Vermelho* (aqui também temos um lobo mau, Jacob), *Cinderela* (Alice assume as feições de uma fada madrinha), *A Pequena Sereia* (a menina que abandona o seu mundo para se juntar ao do seu amor) e, até mesmo, *O Patinho Feio* (Bella não nasceu para ser um patinho, uma humana; mas um cisne, uma vampira). As personagens nos revelam essas facetas primitivas, ancestrais, enquanto reinventam uma nova história.

E *Cinquenta Tons de Cinza*? Ora, de novo encontramos o tema da jovem que se apaixonou por uma fera (*A Bela e a Fera*), aqui representado por um homem muito rico, poderoso e, é claro, sado masoquista. E vamos além. Pensemos na cor. O cinza. Tem alguma personagem de conto de fada que usa cores? Ah tem! Claro que tem! Mas não é cinza. É azul. *Barba Azul*. Pronto. Está aqui a linha central do filme.

Para quem não se lembra do conto de Charles Perrault, essa é a história de um homem que deseja se casar, mas cada vez que isso acontece a esposa some. Até que um dia descobrimos o mistério, quando a nova escolhida entra em um quarto vermelho e encontra todas as outras mulheres mortas. Sim, o quarto vermelho nos remete ao tal "quarto da dor". E Anastasia é a nova escolhida para sofrer.

Podemos ainda encontrar traços de *Chapeuzinho Vermelho* por aqui. Afinal, a menina se aproxima do lobo e dá o endereço da vovozinha porque quer, porque se sente atraída por ele, assim como a protagonista dessa história. Ou de *Cinderela* que, se pensarmos bem, é uma pobre menina que ninguém parece enxergar. Até o dia em que ela vai ao baile para conhecer o príncipe. E, a partir daí, sua vida muda.

Assim, percebemos que os contos de fada (diretamente ou indiretamente) aparecem cada vez mais em diversas produções da atualidade. E isso acontece porque precisamos deles. Porque nos reconhecemos neles.

Sentimos saudade dos contos de fada, dos mitos. Dessas histórias que nos ensinam, nos preenchem, moldam nosso comportamento, nos humanizam. Há, no espírito de nossa época uma tristeza aparente por essa saudade, por esse distanciamento. Precisamos de nossas narrativas novamente. Precisamos das princesas e das bruxas, das fadas e dos dragões, das

maças envenenadas e dos sapatinhos de cristal. Precisamos das migalhas deixadas por João e Maria em seu caminho e iluminadas pela luz do Lua para sairmos da floresta e voltarmos ao nosso lar.

Referências

- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ARMSTRONG, Karen. **Breve História do Mito**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2010.
- CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. **Contos Maravilhosos Infantis e Domésticos**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- JUNG, Carl Gustav. **O Homem e Seus Símbolos**. São Paulo: Nova Fronteira, 1996.
- JUNG, Carl Gustav. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- JUNG, Carl Gustav. **O Espírito na Arte e na Ciência**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- MACHADO, Ana Maria. **Contos de Fadas de Perrault, Grimm, Andersen & Outros**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- TOLKIEN, J.R.R. **Sobre Histórias de Fadas**. São Paulo: Conrad do Brasil, 2010.
- VON FRANZ, Marie Louise. **Animus e Anima nos Contos de Fadas**. Campinas: Verus Editora, 2010.